



Práxis Educativa (Brasil)

ISSN: 1809-4031

praxeducativa@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Brasil

Alves Marinho, Analice

Por uma “América mais americana”: as representações da América espanhola em manuais didáticos
para a formação de professores argentinos (1910-1913)

Práxis Educativa (Brasil), vol. 8, núm. 2, julio-diciembre, 2013, pp. 375-396
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89428764003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Por uma “América mais americana”: as representações da América espanhola em manuais didáticos para a formação de professores argentinos (1910-1913)*

Towards a “more American America”: representations of Spanish America in didactic manuals for the formation of Argentinian teachers (1910-1913)

Hacia una “América más americana”: representaciones de la América española en los manuales didácticos para la formación de los docentes argentinos (1910-1913)

Analice Alves Marinho**

Resumo: Este trabalho tem por objetivo identificar as representações da América espanhola em manuais destinados à formação de professores, em especial no *Compendio de la Historia General de América* (1910-1913), de Carlos Lamarca. A metodologia utilizada foi o estudo dos acontecimentos da história americana em cada manual, com o intuito de responder à questão: Quais são as representações da América nos manuais argentinos? Os resultados encontrados indicam que Carlos Lamarca concebe a América de duas maneiras: uma antes da independência, em que o continente é diferenciado de acordo com sua localização geográfica, e outra depois da emancipação, com a desconstrução da ideia de América. Assim, ao identificar as representações do continente, julga-se ser possível localizar os espaços sociais onde elas foram escritas, compreendendo, assim, seus significados mais profundos.

Palavras-chave: América espanhola. Representação. Manual didático.

Abstract: This paper aims to identify the representations of Spanish America in manuals for teachers' formation, specially in Carlos Lamarca's *Compendio de la Historia General de América* (1910-1913). The methodology used was the study of the events of American history present in each manual, in order to answer the following question:

* Este trabalho faz parte da minha dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED-UFS), na qual identifico as representações da América em manuais didáticos no Brasil e na Argentina, intitulada “O olhar do ‘outro’ sobre si mesmo: as representações da América nos manuais para formação de professores no Brasil e na Argentina (1900/1913)”.

** Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: <analicemarinho@gmail.com>

What are the representations of America in Argentinian manuals? The results indicate that Carlos Lamarca conceives America in two ways: before its independence, in which the continent is differentiated according to its geographical location; and after emancipation, with the deconstruction of the idea of America. Thus, by identifying the representations of the continent, it is possible to locate the social spaces in which they were written, enabling the understanding of their deeper meanings.

Keywords: Spanish America. Representation. Didactic manual.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo identificar las representaciones de la América española en los manuales para la formación de los docentes, especialmente en *Compendio de la Historia General de América* (1910-1913), de Carlos Lamarca. La metodología utilizada fue el estudio de los acontecimientos de la historia de América presentes en cada manual, con el fin de responder a la siguiente pregunta: ¿Cuáles son las representaciones de los Estados Unidos en los manuales argentinos? Los resultados indican que Carlos Lamarca concibe a América en dos formas: antes de su independencia, en el que el continente se diferencia de acuerdo a su ubicación geográfica, y después de la emancipación, con la deconstrucción de la idea de América. Por lo tanto, mediante la identificación de las representaciones del continente, es posible localizar los espacios sociales en los que se escribieron, lo que permite la comprensión de sus significados más profundos.

Palabras clave: América española. Representación. Manual didáctico.

Introdução

Neste artigo, identifico as representações da América espanhola em dois manuais didáticos (1910-1913) escritos por Carlos Navarro y Lamarca (1868-1921). Este historiador, embora argentino, escreveu os dois volumes de seu *Compendio de la Historia General de América* (1910-1913) na Espanha. Pesquisando em bibliotecas europeias, museus e arquivos, Lamarca objetivava, com seu manual, fornecer, a professores e historiadores, uma bibliografia básica para os estudos de história da América. Assim, discutiu em seu manual diferentes métodos de ciências auxiliares (como geografia, antropologia e linguística) e como as pesquisas sobre a experiência americana poderiam ser beneficiadas pelos mesmos, defendendo um “novo olhar” sobre o continente, no qual se privilegiaria a história da América do Sul e da América Central.

Apesar de escrever os dois volumes do *Compendio* na Espanha, Lamarca preocupa-se em adaptá-lo às necessidades da educação argentina e dedica seu manual aos colegas de cátedra (antes de se mudar para a Espanha, Lamarca foi professor de História da América no Colégio Nacional de Buenos Aires) e ao centenário de independência da República Argentina (1810-1910).

Assim, quando me proponho identificar representações no *Compendio*, busco responder à seguinte questão: quais são as representações da América espanhola em manuais didáticos destinados à formação de professores argentinos no início do século XX? Para responder, utilizo a metodologia de inventariar os acontecimentos nos compêndios escritos pelo argentino.

Segundo Itamar Freitas, o acontecimento é um elemento central no discurso do historiador, sendo parte constituinte da narrativa. Assim, em uma mesma narrativa, existem os acontecimentos macros e os micros, podendo-se citar como exemplo a descoberta da América no manual de Carlos Lamarca: a descoberta por Colombo, em 1492, é o acontecimento macro, e as descobertas de outros colonizadores do século XV e XVI são os micros. Destaco ainda que esses acontecimentos não existem por si só; eles apenas ganham sentido quando observados no interior de uma narrativa, e é ela quem define se o acontecimento é central ou não. Para destacar e limitar esses acontecimentos, existem várias maneiras, como os títulos, os subtítulos, os marcadores, os negritos, as cores e o tamanho de fonte (FREITAS, 2012).

Dessa forma, os acontecimentos inventariados por mim são: “evolução cultural e decadência dos nativos”, “descoberta da América”, “conquista”, “colonização” e “independência”.

De acordo com Roger Chartier (1990), o conceito de representação apresenta-se como uma alternativa para compreender o social e o cultural de uma realidade, e uma das finalidades de quem trabalha nessa área é identificar os modos como “em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Para Peter Burke (2008), a representação é um conceito central da Nova História Cultural, e é por meio dele que se fala em “construção” ou “produção” da realidade por intermédio de representações. Assim, é com a noção de representação que se pode não apenas incluir o “outro”, mas também compreender seu pensamento, sua vida e seu lugar (BURKE, 2008). Acredito que, neste trabalho, o conceito de representação aproxima-se da noção de visão de mundo, ou seja, a maneira como indivíduos e grupos dão sentido ao mundo que é deles. Portanto, comprehendo as representações do continente nos manuais como parte de um processo de abstração e visão do autor sobre determinada realidade (no caso, a América espanhola) que foi apreendida a partir de leituras e experiências, depois exteriorizada (pela escrita) e, finalmente, socializada com os leitores (CHARTIER, 1990).

Com o objetivo de mais bem compreender as representações sobre a América nos manuais, analiso o contexto histórico, a educação escolar, as escolhas metodológicas e teóricas (como a visão de história e a definição de história da América), intencionando compreender como esses aspectos podem

ter sido apropriados por Carlos Lamarca. Nesse sentido, baseando-me em Roger Chartier (1990), atesto que a maneira como os autores se apropriaram de suas leituras e a partir delas (e de outros fatores, como as relações sociais, por exemplo) compreenderam não só a si mesmos, mas o mundo ao seu redor, é importante na construção de suas representações da América.

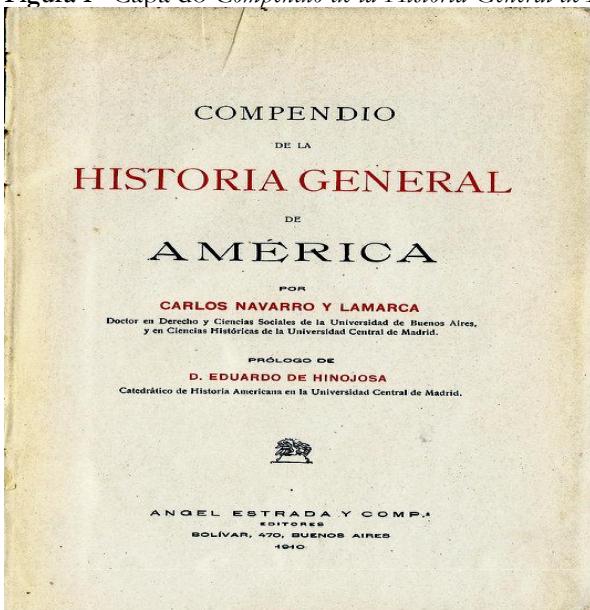
Acredito ser necessário esclarecer algumas escolhas metodológicas e fazer certas ressalvas: como afirmo anteriormente, um dos objetivos de Lamarca ao escrever seus manuais era incentivar estudos sobre a América do Sul e Central nas escolas argentinas. Ao descrever a experiência das Américas, Carlos Lamarca utiliza comparações entre a América espanhola e a inglesa, com o objetivo de incentivar o empreendimento espanhol no continente. Dessa forma, apesar de descrever sobre a história dos países de colonização portuguesa e francesa, acredito que as principais representações de Lamarca do continente encontram-se na oposição que o argentino faz entre as “Américas” (uma inglesa e outra espanhola); por isso, escolho analisar as representações da América espanhola, feitas por meio de comparações.

A ressalva que faço é que, infelizmente, por trabalhar com manuais do início do século XX, poucas são as informações disponíveis sobre sua recepção e circulação na Argentina.

O Compendio de la Historia General de América: uma proposta de valorização da experiência americana

Os manuais didáticos de Carlos Lamarca destinam-se à formação de professores argentinos. No primeiro volume do *Compendio* (Figura 1), o perfil intelectual de Lamarca é o primeiro elemento pré-textual: está no Prólogo, escrito pelo professor catedrático de História da América da Universidade Central de Madri, Eduardo de Hinojosa (1852-1919), em que informa que, quando jovem, Lamarca foi professor de História da América no Colégio Nacional de Buenos Aires e, após essa experiência, continuou a se dedicar ao estudo da matéria, concluindo o doutorado em Direito e Ciências Históricas pela Universidade de Buenos Aires e em Ciências Históricas pela Universidade Central de Madri.

Figura 1 - Capa do *Compendio de la Historia General de América*



Fonte: Acervo particular da autora.

Residindo na Espanha, Lamarca escreveu os dois tomos do *Compendio de la Historia General de América* (1910-1913). É no primeiro que constam o prólogo de Eduardo de Hinojosa e mais dois elementos pré-textuais: a dedicatória “a los maestros” (aos professores) e o capítulo preliminar. A dedicatória foi escrita em Madri, em 1º de dezembro de 1910, em que Lamarca assegura que o manual está adaptado às necessidades da educação argentina (sem especificar quais seriam) e que foi confeccionado da mesma forma que os utilizados nos colégios e universidades norte-americanos e europeus, em relação a composição material, texto e metodologia, além de acompanhar os estudos modernos na área de História da América e suas disciplinas auxiliares.

No “Capítulo Preliminar”, o argentino discute História, seus objetos e métodos, arquivos e museus, coleções de documentos, monografias (denominadas “autoridades”), mapas e estudos fisiográficos, metodologia e, por fim, sua definição de História da América. Sobre História, Lamarca defende que um dos maiores méritos da disciplina é investigar a continuidade, os efeitos e as causas dos fatos históricos. Seguindo esse princípio, assegura que o verdadeiro objeto da História é: “[...] el estudio de la unidad social, del desenvolvimiento progresivo de la personalidad de un pueblo, raza ó conjunto de pueblos que se desarrollan por el medio y la acción, hasta perecer, ó constituir agrupaciones sociales definidas y resistentes” (LAMARCA, 1910, p. XXII).

Com essa definição, Lamarca propõe o que considera um ensino ideal de História: por meio de seminários especiais, com mapas e coleções de fontes, em que os alunos, monitorados por professores, interpretam sozinhos documentos históricos, exercitando assim o espírito crítico. O resultado influenciaria na formação do aluno, que se acostumaria a investigar e a julgar por si mesmo a veracidade de fatos históricos, não precisando mais memorizá-los, pois veriam, sentiriam e verificariam, com sua inteligência e trabalho, a verdade histórica (LAMARCA, 1910, p. XXXI-XXXII).

Dessa forma, Carlos Lamarca finaliza a exposição de suas escolhas metodológicas e teóricas. Ainda, o historiador argentino discute e indica bibliografias sobre dez temas relativos a pesquisa histórica: sua definição de História Geral da América; a extensão e os objetos da ciência histórica (cuja ênfase é a separação da História e da Sociologia); as divisões e as definições de cada etapa da História americana (América indígena, descobrimento, conquista, América colonial, independência); as fontes; a importância dos arquivos e dos museus; as coleções de documentos; as autoridades (monografias, tratados ou livros de História baseados nas fontes); as bibliotecas e as bibliografias; os mapas e os estudos fisiográficos; e, por fim, a metodologia (que o argentino define como as normas que cada ciência possui para encontrar e ensinar a verdade).

Por uma educação patriótica: o ensino de História da América na Argentina do século XX

A Argentina, entre o fim do século XIX e início do XX, passava por um período de instituição e manutenção de uma ordem política e social conservadora, pois não mais existia o cenário de disputas entre as províncias que buscavam autonomia *versus* o regime unitário, caracterizado pela centralização do poder na cidade de Buenos Aires. O fim dessas disputas suplantou uma hegemonia governamental unificada, cujo centro de decisão era a capital argentina (FRANCO, 2003). Com essa unificação, Buenos Aires teve crescimento demográfico, impulsionado, principalmente, pela chegada maciça de imigrantes entre 1895 e 1911. O aumento da imigração tornou-se justificativa para uma maior preocupação do governo com o nacionalismo no país, havendo o propósito de uma educação patriótica (o que Adrián Ascolani denomina “catecismo patriótico”) frente a esses imigrantes, em que o direito dos indivíduos associava-se ao direito do Estado (ASCOLANI; VIDAL, 2009)¹.

Com relação às reformas educativas na Argentina, durante os períodos de 1868, 1912 e 1916, o Estado implementou um sistema de ensino público de

¹ A preocupação com os estrangeiros se faz perceber na Lei de Residência (1902), que instituía a deportação de estrangeiros que semeassem inquiétude na sociedade argentina (ASCOLANI; VIDAL, 2009).

âmbito nacional, adquirindo destaque a Lei 1.420, ou Lei da Educação Comum, sancionada em 8 de julho de 1884; dentre seus objetivos estava a homogeneização da instrução argentina. Os principais antecedentes da Lei 1.420 foram a Lei francesa Jules Ferry, de 28 de março de 1882 (que tornava obrigatório o ensino primário a crianças de ambos os性os com idades entre 6 e 13 anos) e o Primeiro Congresso Pedagógico Argentino e Sul-Americano. Realizado em Buenos Aires entre abril e maio de 1882, dentre os temas debatidos no congresso estavam: os problemas da sociedade latino-americana; a função do Estado na educação; a gratuitade do ensino; o ensino universal; e a vinculação da educação ao conceito de cidadania (SOARES, 2007).

Um dos propósitos da Lei 1.420 (ARGENTINA, 1884) era regular a educação primária e fixar a obrigatoriedade de ensino para crianças de 6 a 14 anos, além de garantir a gratuitade e a laicidade do ensino, determinando os conteúdos básicos da instrução. Com isso, o Estado seria o provedor das escolas, garantindo o atendimento a toda a população em idade escolar².

Com relação aos professores das escolas públicas, eles tinham a função de cumprir a lei, os programas (conteúdos escolares) e o regulamento. Como uma tentativa de controlar a atuação dos professores, regular o ensino primário e centralizar as decisões, o Estado argentino criou o Conselho Nacional de Educação, ligado ao Ministério da Justiça e da Instrução Pública, cujas atribuições e deveres (previstos na Lei 1.420) eram prescrever e adotar os livros didáticos mais adequados para as escolas públicas, favorecendo sua edição e melhoria, por meio de concursos e outros estímulos, assegurando assim sua adoção uniforme e permanente a preços modestos.

Segundo a Lei 1.420, a revista *El Monitor de la educación comun* era o meio de divulgação oficial do Conselho Nacional de Educação. Publicada pelo Ministério da Educação, a revista começa a circular em 1881 e era entregue gratuitamente nas escolas, destinando-se ao público em geral e também a inspetores e visitantes escolares³.

Para Silvia Finocchio (2009), a revista foi paradigmática no sistema educativo argentino, discutindo sobre os edifícios escolares, os materiais educativos, os sistemas de inspeção e assistência escolar, além de trazer transcrições de conferências pedagógicas. Nesse contexto, a Lei 1.420 tornou-se referência nos

² Devido às constantes discussões sobre a laicidade na educação, os católicos, quando se viram derrotados, abandonaram o Congresso Pedagógico, e os liberais conseguiram retirar a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas argentinas. Com a Lei 1.420, de 1884, o ensino religioso passaria a ser lecionado apenas nas escolas públicas, após a comunhão das crianças e de sua família e no período antes ou depois das horas de aula (SOARES, 2007).

³ A partir de 1900, a revista muda seu público-alvo: não mais se destinava à hierarquia de inspetores, e sim aos professores, que apareciam como leitores e autores dos artigos.

estudos da história da educação argentina. Segundo Silvana Gvirtz, essa lei é considerada um marco inicial na constituição do sistema educativo, o que exclui a possibilidade de tratá-la como uma reforma educativa. Apesar de sua importância, é classificada como inefficiente e de pequena abrangência, porque não incluía as províncias do país (GVIRTZ et al., 2009 apud ASCOLANI; VIDAL, 2009).

O *Compendio* de Carlos Lamarca insere-se entre duas legislações importantes para a educação escolar argentina: a citada Lei 1.420 e a Lei Orgânica (1908). Esta propunha que a disciplina História da América fosse lecionada no quinto ano, sendo ministrada depois da História nacional e antes da História Universal. Por falta de apoio político, a Lei Orgânica não foi aprovada no Congresso argentino, mas muitas de suas propostas foram aplicadas nas escolas argentinas, e a História da América continuaria a fazer parte do currículo escolar do quinto ano.

Sobre o ensino de História na Argentina, na virada do século XIX para o XX, uma de suas principais funções era unificar o relato sobre o passado histórico. Para Silvia Finocchio (2004), esse ensino pode ser classificado em três fases: na primeira, havia a necessidade de saldar um passado recente, marcado por múltiplos conflitos gerados pelas tentativas de independência das províncias e das guerras civis; na segunda, a preocupação é com a incorporação de imigrantes ao passado de glórias do país; e na terceira fase, os personagens eram os indígenas, que deveriam assimilar uma história argentina que lhes excluía e que privilegiava a cultura europeia e cristã.

A revista *El Monitor de la Educación* apresentava o ensino de História por meio de um duplo objetivo: o científico e o moral. Na escola primária, predominava o moral, sendo a narrativa marcada pela presença de lendas ou fantasias, em que os personagens principais eram apresentados como seres sobrenaturais que tinham vida extra-humana, cheia de mistérios inexplicáveis (FINOCCHIO, 2009).

É justamente a esse ensino que Carlos Lamarca vai de encontro: um ensino encyclopédico, baseado em decorar fatos históricos sem pensar, refletir ou analisar, que privilegiava lendas (então classificadas, muitas vezes, como erros históricos) e que não valorizava a experiência do continente. Para Lamarca, dentre os benefícios do estudo da história da América estava a valorização da história nacional, pois a Argentina, apresentada como um país forte, unido e à frente de outras nações, teria reforçada sua identidade nacional⁴.

Definindo História da América como o estudo da formação progressiva das unidades sociais, Lamarca procurou relacionar essas unidades sociais entre si e comparar, de maneira sintética, as características de seu respectivo

⁴ Essa valorização do patriotismo está presente no que Lamarca diz ser o primordial objetivo pedagógico do *Compendio*: avivar na juventude o fogo sagrado do patriotismo (LAMARCA, 1910, p. XVI).

desenvolvimento. É com essa proposta de ensino de História americana que os professores adquirem importância: com o *Compendio*, o argentino pretende oferecer aos colegas algo digno deles e de seus constantes esforços para alcançar o progresso e o engrandecimento da Argentina. Assim, os professores são os verdadeiros “juízes da bibliografia”, que têm a função de elegerem, na bibliografia indicada no manual, as obras mais convenientes para si e para o desenvolvimento crítico do aluno, que também tem de modificar sua atitude com relação ao ensino de história da América, pois “[...] los alumnos de los Colegios Americanos no pueden, pues, limitarse á memorizar lo que otros escribieron sobre su historia: deben acostumbrarse á investigar con paciencia y á juzgar por si mismos sobre la veracidad de los hechos sometidos a su estudio” (LAMARCA, 1910, p. XV).

As críticas realizadas por Carlos Lamarca são semelhantes às efetuadas por Saavedra-Lamas (1878-1959), ao propor a Lei Orgânica da Instrução Pública de 1916. Segundo Saavedra-Lamas, o sistema educacional argentino da época não atendia às necessidades intelectuais de toda a população escolar, segundo idade, situação social e tendências.

Diante desse prognóstico, Saavedra-Lamas defende uma educação democrática, que prepare o aluno para servir ao Estado e à sociedade, além de favorecer suas tendências e vocações. Seguindo esse pensamento, o propósito primordial do ensino não seria transmitir todos os conhecimentos e conteúdos de uma ciência, mas sim seus princípios e métodos, que seriam úteis para disciplinar o espírito no estudo de uma categoria de fenômenos e suscitar a atividade da inteligência (que, para Lamarca, estava associada ao pensamento crítico do aluno).

Assim como defendia Lamarca, Saavedra-Lamas assegura que o maior obstáculo para o estudo de uma matéria consiste na mudança dos temas sem afinidade (Lamarca denomina isso de lendas e fatos curiosos), o que não permite que o aluno prenda sua atenção em um ambiente mental definido, fator essencial para que se produzam os estímulos fundamentais de aprendizagem e aperfeiçoamento. De acordo com Lamas, a solução para o problema estaria na criação de uma escola intermediária, em que coexistiriam o ensino técnico e o prático, ambos conectados ao desenvolvimento econômico e industrial do país, seguindo os exemplos dos Estados Unidos, da França, da Alemanha e da Inglaterra.

Nessa nova proposta de ensino, os conteúdos de História da América seriam lecionados juntamente com a História das Civilizações Medievais e Modernas (tal qual o modelo brasileiro) e teriam carga horária de seis horas semanais. Nas escolas normais, cujo objetivo era preparar professores para lecionar e dirigir escolas primárias, segundo a propostas de Lamas, a disciplina contaria com conteúdos relativos à história pré-colombiana e contemporânea e teria carga horária de três horas semanais (SAAVEDRA-LAMAS, 1916).

Apesar da Reforma de Saavedra-Lamas não ter sido aprovada, além de ter sido uma referência para outras reformas implantadas na Argentina, trata-se de um bom exemplo para compreender as defesas de Lamarca sobre o ensino de História da América, como a valorização do senso crítico e da história das sociedades pré-colombianas.

Finalizados os estudos sobre contexto histórico e as definições de História e de América de Lamarca, o próximo passo é inventariar os acontecimentos nos manuais didáticos de Lamarca.

Os acontecimentos nos manuais didáticos de Carlos Lamarca

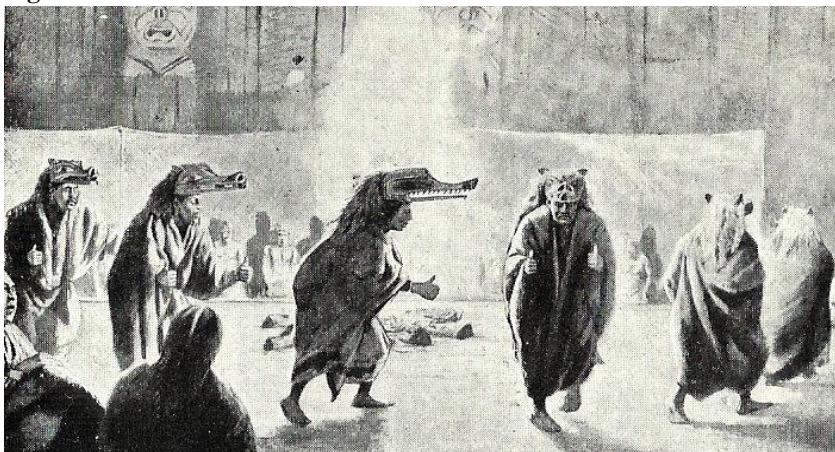
Carlos Lamarca recorta a experiência americana em cinco acontecimentos: a “evolução cultural e a decadênciados nativos”, o “descobrimento”, a “conquista”, a “colonização” e a “independência”.

Na narrativa sobre a evolução cultural e a decadênciados nativos, um dos principais objetivos do historiador é desconstruir, pela análise de fontes históricas e disciplinas auxiliares, os relatos de cronistas. Segundo Lamarca, os relatos existentes do encontro dos nativos com os descobridores e missionários são cheios de erros, transgressões e prejuízos que obrigam o pesquisador a perder tempo precioso separando o observado e o positivo do especulativo e do errôneo (LAMARCA, 1910, p. 55).

Nessa narrativa, prevalece o relato das crenças dos povos da América do Sul e Central, pois o argentino defende que o estudo das religiões indígenas é importante para compreender as ideias sobre a vida psíquica do índio americano e do enigma histórico de seus destinos. Em uma imagem (em preto e branco) sobre a dança ceremonial dos nativos, o argentino simboliza algo que considera positivo dos cultos indígenas: suas manifestações culturais, que representam a fase do apogeu desses povos. Dissertando sobre a importância da religião dos nativos para sua cultura, Lamarca apresenta uma imagem intitulada “Danza ceremonial” (Figura 2) e, ao decorrer do texto, explica que a dança é algo universal e, no caso específico dos índios, diz que o dançar tem um significado simbólico, pelo uso de trajes especiais, máscaras e cores, perpetuando assim suas crenças⁵.

⁵ Todas as imagens do *Compendio* de Lamarca estão inseridas no corpo do texto (entre os parágrafos ou até entre as frases), não existindo um lugar específico para elas no manual.

Figura 2 - Dança ceremonial

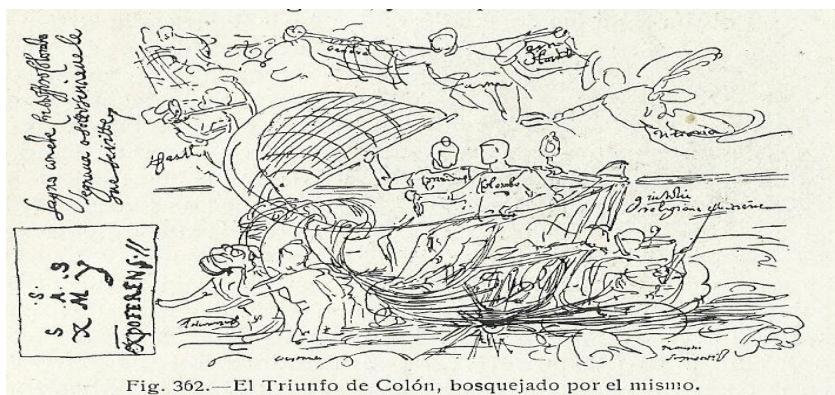


Fonte: Lamarca (1910, p. 145).

Após descrever os aspectos culturais dos nativos da América do Sul, Central e do Norte, o argentino defende a tese de que os conceitos de descoberta e conquista são progressivos, iniciando assim a etapa histórica evolutiva do continente em Guanahani, com Cristóvão Colombo, e finalizando com a dominação dos territórios argentinos.

Ao relatar os descobrimentos da América do Sul e Central, Carlos Lamarca defende a Espanha como exemplo histórico de transformação rápida e completa entre os anos de 1474 e 1515, pois passa da situação anárquica, na época de Henrique IV, à grandeza e expansão ocorrida no reinado de Fernando e Isabel. O argentino pouco disserta sobre os descobrimentos ingleses, predominando assim a experiência de Colombo: as quatro viagens do navegador genovês são destacadas por meio de seus sucessos, angústias e a transformação de um “personagem sonhador e heroico” em um “homem esquecido, que morreu amargurado e sozinho” (LAMARCA, 1910, p. 425). Além das imagens com os mapas e os bustos de navegadores, chama a atenção um desenho (Figura 3) – segundo Lamarca, feito pelo próprio navegador –, que não é analisado pelo argentino, não havendo nenhuma referência.

Figura 3 - O triunfo de Colombo (esboçado pelo mesmo)



Fonte: Lamarca (1910, p. 419).

Sobre a conquista da América, Lamarca assegura que se trata de um dos episódios mais românticos da história do continente, com cenas de admiração (por parte dos espanhóis ao depararem com as civilizações americanas), aniquilamento dos nativos e reconstrução dos países conquistados. As cenas de admiração ocorrem apenas na América espanhola: para o historiador, o mito do Eldorado e seus fantásticos tesouros determinou a exploração e o conhecimento geográfico da América do Sul e do Norte⁶.

Dessa forma, na visão de Lamarca, cabe a Hernán Cortez ocupar o papel de pensador da conquista, pois é ele quem percebe o clima de desunião e descontentamento entre as tribos americanas e inicia o plano de desmembramento dos nativos, utilizado em toda a América espanhola e considerado essencial para a vitória dos espanhóis. Em sua análise do encontro entre espanhóis e nativos, Lamarca destaca a desunião dos índios e relata os abusos cometidos por colonizadores na conquista das tribos americanas (incluindo as norte-americanas). Segundo o argentino, os excessos dos conquistadores avivaram o espírito dos americanos para sua independência, tendo como consequência a emancipação de ex-colônias. É nesse contexto que Carlos Lamarca defende, durante a conquista, a supremacia dos antigos vice-reinados espanhóis, pois eles adquiriram caracteres tópicos e diferenciais, sendo essas características resultadas das influências diretas e indiretas do meio sobre seus habitantes, preparando, assim, os países americanos para a independência.

⁶ Nesse acontecimento, a experiência da América do Norte é descrita pelo exemplo mexicano, e assim a colonização espanhola é o destaque.

Tal qual ocorre ao narrar a América aborígene, Lamarca também utiliza o aspecto religioso para exemplificar o processo de conquista na América espanhola. A religião católica dos conquistadores é analisada por meio de seus reflexos negativos para os nativos, pois, na medida em que os afastava de suas superstições e lendas (que faziam parte de seu “*imaginario cultural y social*”), é esse mesmo catolicismo, por intermédio de seus representantes na América (missionários e jesuítas), que dominou, reprimiu, matou ou aculturou o nativo, com a “*fuerza de la cruz*” (LAMARCA, 1913, p. 380). Assim, para Lamarca, a vinda da Companhia de Jesus para a América teve dois lados: o positivo e o negativo. No primeiro, a chegada dos religiosos trouxe benefícios, como a atuação de seus representantes na fundação de numerosos colégios, criação de cursos e escolas técnicas, além de “*trabajaren con abnegación fervorosa y admirable paciencia*” (LAMARCA, 1913, p. 373).

Com relação aos aspectos negativos trazidos pelos religiosos (representados pelas ordens de franciscanos, dominicanos e agostinianos), o historiador argentino os reconhece, mas não os julga, pois não é função de seu manual didático investigar “defeitos e virtudes”, mas reconhecer sua “influência” no continente, pois, apesar dos “equivocados” métodos de evangelização e do sistemas de reduções, eles foram os responsáveis pela “transformação” dos “bárbaros hábitos” dos nativos em “costumes patriarcais simples” (LAMARCA, 1913, p. 376).

Dissertando sobre a importância da religião católica e das atuações dos jesuítas no imaginário americano, Lamarca explica ao leitor como os religiosos atuaram na América: por meio de “estampas” de santos católicos. Para exemplificar, consta a imagem de uma dessas estampas, a do santo católico San Josaphat (Figura 4), cuja legenda explica que ela foi divulgada no México pelos partidários da Companhia de Jesus. Entretanto, o historiador não insere nenhuma outra informação específica sobre a figura, não estando relacionada ao texto que discute os males da Inquisição no continente.

Figura 4 - Estampa de San Josaphat



Fonte: Lamarca (1913, p. 384).

No acontecimento da colonização, principalmente da América espanhola, as comparações de Lamarca entre as metrópoles e as colônias são mais frequentes (intercalando entre as representações de superiores *versus* inferiores). O argentino também faz comparações entre os conquistadores e os colonizadores, em que a representação de superioridade é dos conquistadores: são eles os filhos genuínos do povo espanhol, que, apesar dos defeitos, soube subjugar todo um continente. Para Lamarca, as colônias espanholas não se encontravam, em geral, nem melhor nem pior do que a metrópole: ambas possuíam vícios comuns, como a fraude, a justiça lenta e insegura, o nepotismo e a corrupção financeira. Todos esses fatores, segundo o historiador, provocaram um traço característico nessas sociedades coloniais: a falta de “homogeneidade”, além da “influência” moral e religiosa da igreja católica em seus domínios.

Nesse relato de vencedores *versus* vencidos, destacam-se as imagens sobre os nativos. Os líderes indígenas, como o Inca Atahualpa (Figura 5), aparecem com seus instrumentos (normalmente, arco e flecha) e vestimentas de guerra; são homens cujo espírito guerreiro advém das amarras do sistema colonial e de suas crenças religiosas. Os conflitos entre espanhóis e índios são simbolizados por imagens, em preto e branco, dos líderes dos nativos, sendo que eles não aparecem como derrotados.

Figura 5 - O Inca Atahualpa



Fonte: Lamarca (1913, p. 97).

A imagem de Atahualpa é inserida entre os parágrafos em que Lamarca descreve o encontro do inca com Francisco Pizarro, mas, à medida que Atahualpa é simbolizado por trajes guerreiros, o argentino, em sua narrativa, apresenta outro personagem: um índio que foi ao encontro do espanhol com atitudes pacíficas, mas foi recebido pelo frei Vicente Valverde, que logo tentou convencer o inca a aceitar a fé cristã e a soberania do rei espanhol. Por não entender um discurso proferido em espanhol, o nativo irritou-se, e, quando Pizarro soube do ocorrido, ele foi com seus cavalos, espadas e lanças e pisotearam não só Atahualpa, mas todos os indígenas que o acompanhavam. Apesar de o ocorrido ser classificado como uma tragédia, a imagem escolhida por Lamarca é de um índio forte, disposto a sacrificar-se pelo seu povo.

Sobre as colonizações inglesas e francesas, Carlos Lamarca assegura: a decadência espanhola favoreceu o desenvolvimento do comércio marítimo dessas outras nações, aumentando assim sua prosperidade e riqueza. Ao contrário da narrativa sobre a América espanhola, a influência religiosa, nas colônias inglesas e francesas, não é vista pelo argentino com tanta importância, prevalecendo apenas uma curta descrição da presença desses povos nos Estados Unidos e no Canadá.

O último acontecimento do *Compendio* é a independência, em que Lamarca, analisando a América do Sul e Central, reforça as informações centrais da conquista, tais como abusos por parte dos colonizadores e o nepotismo para justificar a emancipação dos países.

Na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), a unidade dos colonos, ao se emanciparem e combaterem a Inglaterra, foi devida, segundo o argentino, em grande parte, à repentina e hábil constituição de governos revolucionários em todos os futuros estados norte-americanos. Além disso, outra grande força da Revolução norte-americana foi a organização dos patriotas (não mais ingleses, mas, sim, norte-americanos), sendo essa revolução justa, pois representava dois grandes princípios políticos: a defesa do direito de todo homem à liberdade de comércio e a resistência contra o poder arbitrário.

Dessa forma, sob a liderança de George Washington, a luta entre a Inglaterra e suas ex-colônias estende-se a todo o mundo civilizado, e o historiador argentino descreve os patriotas norte-americanos como portadores do verdadeiro simbolismo da liberdade no continente, pois, ao formarem um governo próprio (o norte-americano), aboliram as distinções e os privilégios e estabeleceram a igualdade de direitos e o sufrágio universal. Por fim, Lamarca defende que essas características da emancipação norte-americana, juntamente com os ideais da Revolução Francesa, devem servir de exemplo para a América espanhola.

Apesar de George Washington ser considerado o líder da revolução norte-americana, é discutindo a importância de Benjamim Franklin (Figura 6) para os Estados Unidos que Carlos Lamarca fornece ao leitor uma nova visão sobre a América do Norte.

Figura 6 - Benjamin Franklin



Fonte: Lamarca (1913, p. 514).

Sobre a América do Sul, Lamarca não apresenta uma ideia de América como um continente, mas, sim, de emancipações de cada país com seus problemas, anseios e disputas. Com o título “II – La etapa heroica”, surgem os personagens organizadores da revolução: Simón Bolívar e San Martín. São eles (principalmente Bolívar) que avivaram as lutas pela independência, registrando na história americana um ato de abnegação, imposto pelo destino e executado com a maior consciência e modéstia por seus líderes (LAMARACA, 1913, p. 773-775).

Apesar de todos os méritos de Bolívar e San Martín, o argentino assegura que, mais uma vez (tal qual ocorre com Colombo), a América não soube retribuir os esforços dos líderes da independência: ambos foram renegados e vítimas do triste acaso que sempre marcam os grandes personagens do continente. Na América Central, os destaques de Lamarca são a influência da Inglaterra e dos Estados Unidos nas emancipações e a ausência de uma autoridade militar que organizasse a revolução.

As representações da América em Carlos Lamarca

Após o estudo dos acontecimentos em Carlos Lamarca, identifico duas representações da América: uma antes da independência e a outra, depois. Assim, acredito que a emancipação das ex-colônias americanas é um acontecimento-chave no *Compendio* do argentino: a partir dos processos de independência, Lamarca representa uma América próspera (a do Norte) e, do outro lado, países que ainda lutavam por sua emancipação, não existindo uma ideia de continente e, sim, o relato da experiência específica de cada um.

A primeira representação de Lamarca é determinada pela localização geográfica, existindo, assim, três Américas: a do Sul, a Central e a do Norte, sendo a denominação “América Latina” uma exceção⁷. Essas três Américas são constantemente comparadas, havendo sempre os exemplos de “mais” ou “menos”, como no excerto abaixo sobre os nativos do México e da América Central: “[...] como adelante veremos, su extraordinaria resistencia al heroico asedio de los Conquistadores españoles del siglo XVI es una de la más hermosas páginas de la historia militar de la desgraciada raza indígena” (LAMARCA, 1910, p. 249)⁸.

⁷ Entretanto, é à história da América do Sul que se dedica o maior número de capítulos e, consequentemente, de páginas.

⁸ Como veremos adiante, sua extraordinária resistência ao cerco heroico dos conquistadores espanhóis do século XVI é uma das mais belas páginas da história militar da miserável raça indígena.

Nas comparações entre a colonização espanhola na América do Sul e Central com a inglesa e a francesa, o argentino enaltece o empreendimento espanhol no continente, explicando que os mesmos problemas (nepotismo e excessos) existentes na América espanhola ocorriam, por vezes, na colonização dos ingleses e franceses.

Como afirmei, o historiador argentino defende o início da história da América a partir da descoberta, mas sua descrição sobre a evolução cultural e a decadência dos nativos prevalece no primeiro tomo do *Compendio*. Isso se deve a um dos objetivos do manual didático: valorizar a experiência dos nativos da América do Sul e Central para combater um “erro histórico”, que é a valorização, nos manuais didáticos da época, da história da América do Norte, assim:

[...] Sud América tiene en la historia de la civilización humana tanta ó más importancia que Norte América y la Raza Latina que puebla el Continente Sur, nada tiene de envidiar á Sajona, que en general ocupa el Continente Norte. Las agrupaciones indígenas más cultas y definidas se formaron por otra parte en la América del Sur. Prescindir del Continente Sud Americano al estudiar la Historia General de América y llamar así á la Historia Particular de los Estados Unidos, es tan ridículo como estudiar, por ejemplo, la Historia de la llamada Edad Antigua, prescindiendo de Roma ó de Grecia. (LAMARCA, 1910, p. XXII).

Após descrever a derrota dos nativos frente aos espanhóis, Lamarca defende que a história americana passa a ser progressiva, na qual todos os conteúdos estão interligados. Dessa forma, foi na descoberta, na colonização e na conquista que surgiram e se desenvolveram todos os motivos que culminaram na independência das Américas.

Diante desse conceito, com a descoberta de Cristóvão Colombo em 1492, o argentino narra a história americana por meio da localização geográfica (Norte, Sul e Central) do continente norte, comparando as Américas e valorizando o empreendimento espanhol:

[...] la España anárquica y empobrecida que recibieron Enrique IV fue no solo la nación más respetada y poderosa del siglo XV, sino la única capaz física y espiritualmente de emprender y realizar en menos de un siglo el descubrimiento, conquista y colonización de las Indias (LAMARCA, 1910, p. 405).

O mérito dado por Lamarca aos espanhóis é tanto, que, ao narrar as disputas entre os espanhóis e os nativos que resultaram na morte do Inca Atahualpa, afirma: “no hay que reprenderlos, escribe un cronista, el tiempo y sus pecados les castigaron después: todos ellos acabaron mal” (LAMARCA, 1913, p. 104).

O historiador argentino não mostra a referência do cronista citado, mas é interessante perceber suas justificativas:

[...] si comparamos abora estos resultados con los obtenidos por las demás naciones Europeas de la época, nos veremos obligados á reconocer que la obra de los castellanos en el primer siglo de su dominación en América es de la más extraordinarias que la historia registra en sus páginas (LAMARCA, 1913, p. 297).

Sobre os problemas da América espanhola no início do século XX, Lamarca também prefere não culpar os americanos e, claro, nem os espanhóis:

[...] dejaron de cundir en la América las mismas inmoralidades, los mismos escándalos, los mismos cohechos y el mismo desbarajuste administrativo que arruinaban á pasos agigantados la Metrópoli. Es muy difícil, sino imposible, juzgar en pocas líneas, el gobierno y administración de las colonias Españolas en América. No estaban, en general, ni mejor ni peor gobernadas que la llamada madre patria. El fraude, la lentitud y inseguridad de la justicia, la corrupción financiera, la empleomanía e el nepotismo eran vicios comunes á España y América (LAMARCA, 1910, p. 343).

Após a narrativa da colonização e da conquista da América, o próximo acontecimento é a independência. Assim, pela primeira vez no *Compendio*, o empreendimento espanhol no continente, ao ser comparado com o norte-americano, é desvalorizado. Com isso, dá-se início à segunda representação da América.

Sobre a emancipação norte-americana, Lamarca assegura que “*la gran fuerza inicial de la Revolución Norte Americana se debió también á que los patriotas estaban organizados y habían sabido apoderarse de las riendas del gobierno*” (LAMARCA, 1913, p. 504).

Apoiados nas ideias de liberdade e trabalho, Lamarca conclui que os ingleses na América tornaram-se americanos e criaram suas próprias leis e governos, características, então, fundamentais para a constituição de uma nação livre. Essa supremacia da experiência da emancipação da América do Norte caracteriza a segunda representação de América de Carlos Lamarca: com a independência, não existe mais uma ideia de continente americano, e sim países separados por suas experiências particulares, não existindo mais o elo (o empreendimento espanhol) que as unia.

Dessa forma, ao tratar da independência das colônias espanholas, Lamarca descreve a experiência de cada país, especificando como cada nação tentou se emancipar do domínio espanhol, existindo, assim, várias experiências no continente. Em contrapartida, a emancipação norte-americana deveria servir de exemplo, mas o próprio Lamarca reconhece que os ideais da Revolução Francesa e dos Estados Unidos não tiveram a mesma reação nas ex-colônias espanholas:

[...] los sueños en el Contrato Social y las fórmulas del Jacobinismo francés se mezclaban con las doctrinas Norte Americanas y consagraban toda clase de libertades políticas para un pueblo heterogéneo y poco maleable que ni las entendía, ni era, por lo tanto, capaz de practicarlas (LAMARCA, 1913, p. 611).

É esse povo “heterogêneo” que marca a narrativa de Lamarca sobre a emancipação dos países que antes constituíam a América do Sul e Central. Com a independência, os venezuelanos, os mexicanos, entre outros, pareciam estar perdidos após todos os anos de domínio espanhol. Do outro lado, os (norte-) americanos, após se emanciparem, tornaram uma nação livre, um continente unido, um exemplo para os outros países.

Nessa ideia de América, não mais existem comparações, e sim a descrição do historiador das experiências individuais de cada país em busca de sua liberdade, sendo cada um caracterizado por seus personagens, vitórias e derrotas. Dessa forma, a impressão que tenho é a categorização de Carlos Lamarca de ideias e movimentos característicos das diversas realidades do continente, formando, assim, uma história particular dos países. Com essa tese da particularidade das experiências, o argentino encerra seu *Compendio*: o que era antes uma unidade virou particularidade, sem nenhuma interligação, sendo os Estados Unidos a representação da América – um continente unido, forte e organizado.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, demonstrei que o argentino Carlos Lamarca apresenta duas representações do continente. A primeira é limitada ao período anterior à independência e recebe o nome de descrição geográfica. Ela é dada a ler a partir da comparação e consequente diferenciação dos espaços geográficos e do elogio ao empreendimento espanhol. Com a independência, Lamarca muda sua ideia de América: já não é um continente. Sua constituição inclui as histórias particulares dos países das primitivas Américas do Sul e Central, juntos a uma nação forte que personifica o “verdadeiro” espírito americano: os Estados Unidos.

Ao finalizar a pesquisa e comunicar seus resultados, saliento a importância da releitura desses manuais didáticos de História Geral da América dos séculos XIX e XX: eles apresentam um espaço de experiências singulares, que, há mais de um século, é alvo de preocupação de historiadores. Também demonstram que o debate sobre identidades é um fenômeno de duração conjuntural. Dizendo de outro modo, pensar a inclusão da experiência americana nos currículos da escolarização básica é compreender a necessidade de se conhecer um pouco da história do ensino de História e, assim, evitar contínuas “invenções” de debates que já foram empreendidos, como este que acabo de comentar. Independentemente da “destinação” que queiramos dar à experiência da América, é fundamental conhecer o que se disse sobre as mesmas questões em uma duração secular.

Referências

- ARGENTINA. Consejo Nacional de Educación. **Ley nº 1.420 de Educación Común (8 de julio de 1884)**. Disponível em: <<http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/normas/5421.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2011.
- ASCOLANI, A.; VIDAL, D. (Orgs.). **Reformas Educativas no Brasil e na Argentina**: ensaios de história comparada da educação (1820-2000). São Paulo: Cortez, 2009.
- BITTENCOURT, C. M. Ensino de História da América: reflexões sobre problemas de identidades. **Revista Eletrônica Anphlac**, São Paulo, n. 4, p. 5-99, 2005. Disponível em <http://www.anphlac.org/revista/revista4/revista_anphlac_4.pdf>. Acesso em: 22 maio 2011.
- BITTENCOURT, C. M. F.; IOKOI, Z. M. G. (Coord.). **Educação na América Latina**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996.
- BURKE, P. **História e teoria social**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CALERO, M. G.; HERRERO, P. P. La imagen de América Latina entre la población estudiantil española (13-18 años). **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, n. 6, p. 147-172, set./dez. 1994.
- CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, R. **El mundo como representación**: estudios sobre historia cultural. Tradução de Claudia Ferrari. Barcelona: Gedisa, 1992.
- CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHEVALIER, F. **América Latina**: De la independencia a nuestros días. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- DIAS, M. de F. S. (Org.). **História da América**: ensino, poder e identidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- ESCUDÉ, C. **El fracaso del proyecto argentino**. Buenos Aires: Tesis, 1990.
- FERES JR, J. **A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos**. Bauru: EDUSC, 2005.
- FINOCCHIO, S. Inclusiones y exclusiones en los modos de contar la historia en la Argentina. In: DIAS, M. de F. S. (Org.). **História da América**: ensino, poder e identidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p. 65-76.
- FINOCCHIO, S. **La escuela en la Argentina**. Buenos Aires: Edhsa, 2009.
- FRANCO, S. M. S. **Luzes e sombras na construção da nação argentina**: os manuais de história nacional (1868-1912). Bragança Paulista: EDUSEF, 2003.
- FREITAS, I. Livro didático de história: definições, representações e prescrições de uso. In: OLIVEIRA, M. D. de.; OLIVEIRA, A. F. B. de. **Livros didáticos de História**: escolhas e utilizações. Natal: Editora da UFRN, 2009. p. 11-19. Disponível em: <<http://itamarfo>>

blogspot.com.br/2009/12/livro-didatico-de-historia-definicoes.html. Acesso em: 20 fev. 2012.

FREITAS, I. **Fundamentos teórico-metodológicos para o ensino de história (anos iniciais)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

LAMARCA, C. N. **Compendio de la historia general de América**. Tomo I. Buenos Aires: Angel Estrada y comp. Editores, 1910.

LAMARCA, C. N. **Compendio de la historia general de América**. Tomo II. Buenos Aires: Angel Estrada y comp. Editores, 1913.

SAAVEDRA-LAMAS, C. **Reformas orgánicas en la instrucción pública**. Buenos Aires: Peuser, 1916.

SOARES, G. P. **Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

Recebido em 21/02/2013

Aceito em 07/08/2013